

# HORTICULTURA E A MULHER CAMPONESA: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO EM AGROECOLOGIA

Danielly Crespi<sup>1</sup>  
Ana Paula Capello Rezende<sup>2</sup>  
Paulo Rogério Lopes<sup>3</sup>  
Renato Farac Galata<sup>4</sup>  
Flávio Xavier da Silva<sup>5</sup>  
Mario Sérgio Santana Cruz<sup>6</sup>  
João Dagoberto dos Santos<sup>7</sup>

## Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de formação em Agroecologia e sistemas produtivos sustentáveis de um grupo de mulheres no Extremo Sul da Bahia, com foco na produção agroecológica de olerícolas. Essas atividades educativas com viés teórico e prático têm como meta fortalecer o papel da mulher na agricultura familiar e possibilitar geração de renda. As atividades foram realizadas no Pré-Assentamento “Deus Me Deu”, vinculado à Frente dos Trabalhadores Livres (FTL), localizado no distrito de Santa Maria Eterna no município de Belmonte, Bahia. Dentre as principais atividades realizadas podemos citar o diagnóstico participativo da realidade local, planejamento participativo da Horta do grupo de Mulheres, manejo agroecológico do solo enfatizando a vida no solo com práticas de captura de Microrganismos Eficientes (EM), produção de biofertilizantes e composto orgânico (Bokashi), bem como o manejo agroecológico do sistema produtivo. A produção de hortaliças está em fase inicial, as primeiras produções foram destinadas à subsistência das famílias das mulheres envolvidas, foram comercializadas pontualmente parte dos alimentos produzidos. No entanto, os investimentos iniciais e a melhoria da unidade de produção foram verificados. Além disso, o grupo desencadeou um processo de fortalecimento e construção de identidade, se autodenominando “Mulheres Guerreiras” e conseguiu se colocar junto à comunidade como interlocutor e disseminador dos conhecimentos agroecológicos.

**Palavras-chave:** Gênero, Transição agroecológica, Agricultura familiar.

---

<sup>1</sup> Gestora Ambiental USP/ESALQ, Pesquisadora NACE/PTECA – USP/ESALQ;

<sup>2</sup> Engenheira Florestal USP/ESALQ, Mestranda em Agricultura Orgânica UFRRJ, Pesquisadora NACE/PTECA – USP/ESALQ;

<sup>3</sup> Doutor em Ciências, Pesquisador NACE/PTECA – USP/ESALQ e Coordenador Científico do Projeto Assentamentos Agroecológicos;

<sup>4</sup> Engenheiro Florestal USP/ESALQ, Pesquisador NACE/PTECA – USP/ESALQ;

<sup>5</sup> Técnico Agropecuário, Pesquisador NACE/PTECA – USP/ESALQ;

<sup>6</sup> Biólogo, Pesquisador NACE/PTECA – USP/ESALQ;

<sup>7</sup> Doutor em Recursos Florestais USP/ESALQ, Pesquisador NACE/PTECA – USP/ESALQ e Coordenador do Projeto Assentamentos Agroecológicos;

## 1. INTRODUÇÃO

A proposta de instalação de uma horta agroecológica no Pré-assentamento “Deus me Deu” – Belmonte/BA, surge para atender demandas apresentadas pelo grupo de mulheres recém-formado na comunidade. O trabalho desenvolvido dentro do escopo do Projeto Assentamentos Agroecológicos – ESALQ/USP – núcleo Porto Seguro/BA visa implementar mecanismos que permitam o fortalecimento da mulher no meio rural e promoção da melhoria nas condições de vida deste público, com foco na geração de trabalho e renda, e segurança alimentar.

Nesse sentido, a horticultura agroecológica familiar constitui uma opção tecnológica relativamente simples, que possibilita resultados expressivos, já que consiste na produção agroecológica e diversificada de hortaliças e plantas medicinais, utilizando recursos locais e com baixa demanda de insumos externos (Embrapa Agropecuária Oeste, 2008). Assim, de forma econômica e ecológica, serão produzidos alimentos saudáveis para o auto abastecimento e para a complementação da renda familiar.

Tendo em conta que a divisão sexual do trabalho é a base material da opressão das mulheres, consistindo na separação e na hierarquização da produção e reprodução, assim como na exploração diferenciada das mulheres no mercado de trabalho. Essa questão no meio rural é ainda mais grave e a participação do trabalho feminino na agricultura familiar sempre foi subestimada. Pelo fato de as mulheres serem, na naturalização das atribuições de gênero, as responsáveis pela reprodução social do grupo, as atividades produtivas desenvolvidas por elas são consideradas como parte das tarefas atribuídas ao papel de mãe e esposa, consideradas “ajuda” e “complementares” àquelas desenvolvidas pelos homens (MEDEIROS, 2003).

Assim, o trabalho agrícola feminino torna-se auxiliar e subordinado ao homem. Segundo dados da PNAD de 1998 a proporção delas ocupadas sem remuneração é bem maior na agropecuária do que em outros setores da economia, onde 80% das trabalhadoras rurais não recebem rendas monetárias, enquanto esta proporção é de 30% para os homens.

A grande diferença na participação de cada um dos sexos nos rendimentos monetários gerados deixa clara a desvalorização do trabalho das mulheres; a importância econômica do seu trabalho raramente é computada pelas estatísticas. Apesar disso, segundo dados do último Censo Agropecuário, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), as mulheres compõem 47,9% da população do meio rural. Na agricultura familiar elas representam 36,2% das pessoas ocupadas (Abramovay & Silva, 2000).

As mulheres do campo têm menor acesso ao crédito, à criação de gado, à assistência técnica, à titularidade de terras e ao emprego rural na região, o que evidencia a desigualdade social e econômica na qual vivem e impede que coloquem todo o potencial na agricultura e na segurança alimentar (FAO, 2014).

Por isso é necessário avançar na criação e na implementação de políticas públicas que promovam o empoderamento e a autonomia das mulheres do campo, mas principalmente em ações que envolvam a mulher nas atividades produtivas e que gerem renda em suas unidades produtivas.

Neste sentido, é verificado em estudos o importante papel social desempenhado pela mulher nos processos onde está em curso a transição do modelo de produção convencional para formas de produzir baseadas nos parâmetros preconizados pela

agricultura sustentável. Verifica-se que, no campo da produção, a mulher tem sido precursora dentro da unidade familiar, assumindo os desafios de começar algo novo (LOVATTO, 2010).

Sobre esse assunto, o caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia traz experiências apontando que muitas vezes são as mulheres que iniciam a “conversão” da propriedade para sistemas sustentáveis e agroecológicos. São elas muitas das vezes as pioneiras em iniciar as experiências de práticas agroecológicas em suas unidades produtivas. Sendo assim, supõe-se que elas também deveriam estar presentes nas diversas instâncias do movimento agroecológico. Mas na realidade não é isso que acontece, devido ao fato de que, historicamente, as mulheres ocupam, majoritariamente, apenas o espaço privado, sendo os homens os “porta-vozes” de todas as experiências agroecológicas, contribuindo, portanto, para a invisibilidade do trabalho da mulher também neste campo.

Assim, por si só, a agroecologia não modifica a condição de submissão e invisibilidade do trabalho da mulher, porém, a partir da agroecologia, é que pretende-se influenciar a organização familiar e a atuação das mulheres agricultoras nos espaços públicos e privados.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de formação em Agroecologia e sistemas produtivos sustentáveis de um grupo de mulheres no Extremo Sul da Bahia, com foco na produção agroecológica de olerícolas. Essas atividades educativas com viés teórico e prático têm como meta fortalecer o papel da mulher na agricultura familiar e possibilitar geração de renda. Dessa forma, a formação do grupo de mulheres “Mulheres Guerreiras” do pré-assentamento “Deus me Deu” e a iniciativa de organização do trabalho com horticultura mostra-se como uma oportunidade para a inserção e discussão de práticas agroecológicas e, ao mesmo tempo, fortalece a discussão de gênero com a comunidade, contribuindo para a formulação de estratégias que estimulem as agricultoras familiares na tomada de decisões, reduzindo as desigualdades e dificuldades que ainda persistem neste processo.

## **2. Planejamento e Organização do grupo de Mulheres – Estruturando a Horta Agroecológica**

O grupo de “Mulheres Guerreiras”, foi iniciado na Fazenda Encontro das Águas está localizada no distrito de Santa Maria Eterna, município de Belmonte, Bahia. A fazenda encontra-se hoje em processo de negociação para desapropriação para fins de reforma agrária. A área hoje chamada de Pré-assentamento “Deus me Deu” é coordenada pelo movimento Frente dos Trabalhadores Livres (FTL) abriga cerca de 80 famílias.

A fazenda tem por característica solos naturalmente pobres, com o agravante de estar muito degradado devido a histórica exploração agrícola predatória. Os dois tipos de solos encontrados são o argissolo amarelo e o neossolo quartzarênico.

Há na fazenda muitas famílias produzindo mandioca, feijão, abóbora, milho, quiabo e maxixe, ainda que de maneira precária, sem as condições estruturais básicas. Nas áreas de preservação permanente e reserva legal há a ocorrência de “cabucas” (cacau consorciado com mata nativa), que é também explorado coletivamente pelas famílias.

O local escolhido para implantação da horta foi definido junto ao grupo de mulheres e a coordenação do pré-assentamento. Levou-se em consideração a proximidade da água e das áreas coletivas que estão se estruturando no pré-assentamento (moradias, farinheira comunitária, banco de sementes), facilitando assim seu acesso e visibilidade do trabalho.

A horta agroecológica do grupo “Mulheres Guerreiras” hoje ocupa uma área de aproximadamente 14.000 m<sup>2</sup> ao lado do Banco Comunitário de Sementes (Figura 1). Há também uma área de 1.500 m<sup>2</sup> para produção de biomassa. Esse conjunto de áreas tem sido utilizadas para as atividades de capacitação e discussão de alternativas para o desenvolvimento da prática de horticultura.

Figura 1. Imagem da Área da Horta – Pré-acampamento “Deus me Deu” Belmonte/BA



Para início dos trabalhos foi elaborada uma proposta produtiva adequada as condições ambientais e agrícolas do Pré-Assentamento. No local não há criação de animais e existe uma dificuldade em conseguir esterco em quantidade suficiente para manter os trabalhos na horta. Outro fator importante é a condição inicial dos solos no início do trabalho, uma vez que são solos arenosos e com baixa fertilidade. Está sendo planejado uma área para produção de biomassa (“capineira”) de aproximadamente 2.000 m<sup>2</sup> que será utilizada para cobertura e adubação da horta em substituição ao composto ou esterco (insumos externos). Essa capineira será composta por espécies leguminosas e espécies de gramíneas para produção de biomassa em grande quantidade.

Além disso, foi necessário realizar análise do solo para realizar a calagem e outras medidas de correção e recuperação dos solos. Todas essas etapas foram realizadas junto ao grupo, sendo a escolha da área, o planejamento e a organização da horta espaços e tempos educadores, baseando-se nas prerrogativas do “aprender

fazendo”, tendo como orientação as experiências e conhecimentos das agricultoras e da equipe do Projeto Assentamentos Agroecológicos (ESALQ/USP).

Observou-se inicialmente a dificuldade das mulheres em colocarem suas opiniões e experiências no processo, o que repercute da falta de autonomia da mulher na tomada de decisões dentro da própria unidade familiar. Dessa forma, a valorização dos saberes e inclusão das mulheres nos espaços de decisão tem sido fundamental para estimular a auto-organização do grupo, empoderamento e iniciativa das mulheres. Um dos principais passos do grupo deu-se por meio de uma oficina realizada com o intuito de promover o debate sobre questões de gênero, identidade e protagonismo da mulher no meio rural. Como resultado final o grupo se autodenominou “Mulheres Guerreiras” (Figura 2).

Figura 2 – Criação do grupo agroecológico “Mulheres Guerreiras”.



Outros projetos em curso para fortalecer a horta agroecológica é o uso dos subprodutos da produção de farinha e um minhocário. Além disso, será feito um galinheiro para produção de galinhas poedeiras, com capacidade de criação para 50 aves. A integração da produção animal com a produção vegetal beneficiará a produção de hortaliças, com os estercos ricos em nitrogênio e outros nutrientes, que serão compostados e depois utilizados como fertilizantes orgânicos. E os restos vegetais da horta, que são inóculos e propágulos de muitos fungos, bactérias e outros microrganismos, que causam doenças nas plantas, serão utilizados como parte da nutrição das aves. A área da horta está dividida em áreas de canteiros para produção de hortaliças (alface, couve, coentro, cebolinha, quiabo e pimentas), linhas de diversidade composta por diversos tipos de frutíferas (laranja, limão, acerola, graviola, manga, banana, mamão) e áreas de produção (Figura 3 e 4).

Figura 3 – Produção de hortaliças agroecológicas pelo grupo de Mulheres Guerreiras.



Nessas áreas de produção o grupo já produziu batata doce e quiabo e nos canteiros de hortaliças a produção de coentro tem sido mais permanente, sendo inclusive comercializado (Figuras 4 e 5). Os alimentos produzidos são parte consumidos e parte comercializados já sendo possível a geração de renda para o grupo.

Figura 4 – Produção quiabo agroecológico, pelo grupo de “Mulheres Guerreiras”.



Figura 5 - Produção de coentro na Horta Agroecológica.



### **3. Organização do trabalho coletivo do grupo de mulheres**

A criação do grupo de mulheres vinculado ao trabalho com a horta dentro da comunidade iniciou-se em 2014, advindo de uma demanda das próprias mulheres do pré-assentamento com o objetivo de geração de renda para as mesmas. Porém, nenhuma delas tem experiência anterior com trabalho/organização em grupo ou mesmo conhecimento sobre a discussão de questões de gênero. Assim, foi proposto à equipe do “Projeto Assentamentos Agroecológicos” que contribuísse com o projeto do grupo. Dessa forma, a equipe, iniciou as ações junto ao grupo no segundo semestre de 2014 e viu aí a oportunidade de, além de contribuir para a estruturação de uma horta agroecológica na comunidade, discutir o protagonismo do grupo de mulheres frente a esse projeto e que, tanto esse processo de valorização do trabalho e disseminação da agroecologia, quanto à geração de renda, contribuíssem para a autonomia das mulheres e inserção desse grupo nas atividades produtivas do assentamento.

Os desafios iniciais foram muitos, mas o principal foi como trabalhar a questão da mulher junto à comunidade. A formação de um grupo de trabalho de mulheres passa, indissociavelmente, pelos problemas da questão de gênero e é impossível estabelecer um projeto sem discuti-los. E assim, apenas trabalhar as questões de práticas agroecológicas e horticultura não seriam suficientes para alavancar com o propósito maior de autonomia e protagonismo das mulheres do pre-assentamento.

Um das experiências mais marcantes foram que, ao se convidar as mulheres do pré-assentamento para as reuniões e atividades, quem compareciam muitas das vezes eram seus companheiros para “representa-las” nesses espaços pois as mesmas, segundo eles, estavam “ocupadas em casa”.

Portanto, os primeiros encontros foram utilizados também para esclarecer que aquele era um espaço voltado às mulheres. Uma verdadeira novidade para a comunidade, já que os espaços, principalmente para discussão de atividades produtivas, em geral são voltados para os homens. Superado essa discussão, as atividades buscaram focar na formação e identidade do grupo em torno da questão da horta agroecológica, sempre colocando a perspectiva do trabalho coletivo e da geração de renda.

Foram utilizados vídeos, textos, apresentações e dinâmicas para fomentar a importância do trabalho coletivo e também foi realizada uma visita à uma horta comunitária existente em um dos municípios vizinho. Essas experiências e espaços de discussão foram contribuindo para a formação do grupo e compreensão da necessidade do trabalho coletivo.

Conforme o grupo foi se estruturando surgiram também as dificuldades com relação ao trabalho técnico. O principal problema levantado pela equipe e pelas mulheres do grupo foi em relação a organização do trabalho dentro da horta. Os problemas levantados foram:

- Dificuldade (Falta de experiência) em trabalhar e se organizarem de maneira coletiva;
- Conciliar atividades domésticas, cuidado com os filhos e trabalho na roça com o trabalho diário na horta;
- Falta de conhecimento em horticultura para início dos trabalhos.



Diante dessas dificuldades a equipe do Programa Assentamentos Agroecológicos começou os trabalhos para ajudar no fortalecimento dos processos de auto-organização do grupo e planejamento do trabalho junto com as ações de implantação da horta.

Foram realizadas reuniões para discutir os objetivos e métodos de trabalho para a produção de hortaliças. Com objetivo de sanar a dificuldade em visualizar e organizar o trabalho coletivo com todas as mulheres foi discutido uma rotina de trabalho em que o trabalho fosse dividido em grupo e não fosse necessário todas estarem presentes diariamente na horta e a partir daí elaborado um cronograma. Foi montada também uma rotina de reuniões para discutir e planejar ações, tarefas e definições de pessoas para realiza-las. Esse cronograma permitiu as mulheres visualizarem os dias e a tarefa que cada uma deveria participar, possibilitando que cada uma pudesse se planejar e se comprometer aos trabalhos. Ao final, cada mulher deveria de dedicar duas vezes por semana a horta, um dia em dupla e outro em mutirão, para serviços mais pesados e que necessitem de uma quantidade maior de pessoas. Essa forma de organização foi considerada adequada pela maioria das mulheres para que pudessem conciliar com seus afazeres domésticos e cuidados com filhos e maridos (Figura 6).

Figura 6 – Planejamento e diálogos em oficina do grupo de Mulheres Guerreiras.



#### 4. Processo de formação – a mulher como interlocutora e disseminadora dos conhecimentos agroecológicos na comunidade

Embora conscientes de que as técnicas agroecológicas não respondem por si aos problemas sociais e de gênero resultantes das relações que se estabelecem na unidade

produtiva, consideramos que essas práticas abrem a perspectiva de promover transformações nas relações de produção.

A proposta de construir espaços educadores, em diferentes temas relacionados à agroecologia, as agricultoras do Grupo Mulheres Guerreiras é que estas, além do processo de auto formação, sejam agentes multiplicadoras, repassando os conhecimentos a outras agricultoras e agricultores da comunidade, fortalecendo a organização e a articulação políticas dessas mulheres numa perspectiva feminista e agroecológica. Além disso, sabe que as mulheres são promotoras da Agroecologia, repassando as técnicas e fundamentos de agricultura sustentável aos seus filhos (as) e companheiros.

Nossa estratégia tem sido, desde a dimensão sistêmica da agroecologia, contribuir para que as mulheres se sintam empoderadas o suficiente para fortalecer práticas agroecológicas em suas atividades produtivas e a renda gerada por suas atividades gerem autonomia no seu cotidiano.

Dentre os principais processos educadores desenvolvidos com o grupo de mulheres agroecológicas, destacaram-se as oficinas realizadas com os seguintes temas (Figuras 7 e 8):

- Oficina de Introdução a Horticultura;
- Oficina de Organização e Setorização da Horta agroecológica;
- Oficina de Manejo Agroecológico da Horta;
- Oficina de Avaliação e Manejo de Solo;
- Oficina Captura de Microrganismos Eficientes (EM);
- Oficina de Ativação de Microrganismos Eficientes;
- Oficina prática de Utilização do EM na produção de adubos orgânicos (Bokashi);
- Oficina de Biofertilizantes;
- Desenho e arranjos da horta;
- Inimigos naturais de pragas (Identificação de predadores e parasitoides; definição do conceito de pragas; danos causados por pragas. Identificação das principais pragas em horticultura);
- Monitoramento de pragas em campo;
- Métodos de controle ecológico de pragas;
- Identificação de doenças;
- Métodos alternativos e preventivos para controle de doenças;
- Adubação de plantio, adubação de cobertura e nutrição foliar (pulverizações).

Figura 7 – Oficina prática em campo sobre manejo ecológico do solo.



Figura 8 – Oficina de coleta e identificação de insetos pragas e inimigos naturais presentes na área de cultivo do quiabo



As sistematizações apontam para a existência de experiências em que a produção agroecológica têm contribuído para o empoderamento das mulheres e para que elas saiam do espaço doméstico, obtendo mais independência e autoestima. Todavia, essas conquistas só foram possíveis nos processos onde a produção agroecológica foi articulada com a promoção do acesso a informação e com estratégias de garantia da autonomia econômica e política das mulheres, numa perspectiva de superação da divisão sexual do trabalho (MARONHAS et al., 2014).

## **5. Considerações Finais**

O grupo Mulheres Guerreiras vem cada dia mais conseguindo se colocar junto à comunidade como interlocutoras e disseminadoras dos conhecimentos agroecológicos, conforme o processo de formação e as atividades práticas vem se efetivando e gerando resultados positivos. Contudo, fica evidente que a falta de divisão dos trabalhos domésticos gera uma grande sobrecarga e compromete a participação das mulheres nas atividades produtivas, especialmente no trabalho com a horta que requer dedicação diária. Em todos os casos, verificou-se que as mulheres que participam do grupo da horta continuam sendo a única responsável pela manutenção diária da casa e cuidados com filhos e netos e, para isso, foi necessário criarem mecanismos de organizarem as tarefas em novos horários, aumentando a carga horária de trabalho diário. Em outras situações verificou-se que algumas das mulheres que desistiram de participar do grupo justamente por não terem tal flexibilidade de horários ou mesmo de conseguir lidar com a situação e romper com a barreira imposta pela dinâmica familiar.

A adoção do sistema agroecológico de produção tem proporcionado um processo de mudança na forma como as próprias mulheres concebiam a agricultura, e começam a redefinir suas práticas. Esse empoderamento do grupo tem gerado visibilidade do trabalho com a horta, abrindo espaços para que as mulheres atuem como agentes disseminadoras das práticas agroecológicas junto a comunidade do pré-assentamento.

Espera-se que esse processo avance no decorrer do ano de 2016 e proporcione não só o empoderamento e emancipação da mulher, mas que estas se tornem protagonistas de uma nova forma de fazer, organizar e viver a agricultura familiar e que elas promoveram rearranjos familiares, autonomia econômica, política e social.

## **6. Referências Bibliográficas**

ABRAMOVAY, M.; SILVA, R. da. “As relações de gênero na Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais (CONTAG)”. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da (Org.) Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. São Paulo: Editora 34/CEDEPLAR/UFMG, 2000. p. 347-366.

Rurais (CONTAG). In: ROCHA, M. I. B. (Org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP - NEPO/UNICAMP - CEDEPLAR/UFMG, 2000. p. 347-366. ALENCAR, E.; GOMES, M. A. O. Metodologia de pesquisa social. Lavras: UFLA/FAEPE, 1998. 212 p.

LOVATTO, P. et al, 2010. Gênero, sustentabilidade e desenvolvimento: uma análise sobre o papel da mulher na agricultura familiar de base ecológica. REDES, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 191 - 212, maio/ago. 2010.

MEDEIROS, R. M. **Mulher, terra e trabalho**: trajetórias femininas na agricultura familiar mineira nos anos 1990.2001. 112 p. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) – Universidade Federal de Lavras, Lavras.

MOTTA, Ivo de Sá. Horticultura agroecológica em escala familiar em Mato Grosso do Sul. Embrapa Agropecuária Oeste. Dourados/MS. 2º Seminário de Agroecologia do Mato Grosso do Sul, 2008. 6 p.

FAO/INCRA. Perfil da agricultura familiar no Brasil: dossiê estatístico. Brasília: 1996. 76 p.

MARONHAS, M.; SHOTTZ, V.; CARDOSO, E. AGROECOLOGIA, TRABALHO E MULHERES: Um olhar a partir da Economia Feminista. **18ºREDOR** – Perspectivas feministas de gênero: Desafio no campo da Militância e das Práticas, 2014, Recife/PE, 12 p.

Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Porto Alegre/RS – 25 a 28/11/2013 14210 - Gênero e Agroecologia: resignificando o papel da mulher agricultora nos espaços públicos e privados Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol 8, No. 2, Nov 2013

SILIPRANDI, E. C. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, 2009. p. 114-116